

Para a minha família, que aguenta ver-me sentada em frente ao computador o tempo todo — obrigada pelo vosso amor e apoio. Vocês são tudo para mim.

Podemos fechar os olhos ao que não queremos ver,
mas é impossível fechar o coração ao que não queremos sentir.

JOHNNY DEPP

Alguma vez fizeram algo tão incrivelmente estúpido, que a culpa e o remorso ficaram a pairar sobre a vossa cabeça como uma nuvem tremendamente escura e pesada? A ofuscar-vos o juízo e a consumir-vos a alma, até ser a única coisa que conseguem ver, ouvir e sentir?

Eu fiz. Fiz muita coisa de que me arrependo e me enche de remorsos. Porém, a pior de todas foi a que fiz ontem.

Deixei a rapariga que amo sozinha, nua, na cama. Como um imbecil machista que usa uma rapariga para ter sexo e depois a abandona — foi assim mesmo. Eu tornei-me um tipo desses.

Só que eu não sou realmente assim. Eu amo a rapariga que deixei ficar nua na cama. Apenas não a mereço.

E reconheço-o.

Capítulo 1

«Às vezes tens de te destacar do resto do mundo, só para teres a certeza de que ainda és capaz.»

Anónimo

Fable

Dois meses. Há dois malditos meses que não o vejo nem ouço falar dele. Quem é que faz isso a uma pessoa? Quem é que passa a semana mais emocionante da sua vida com outro ser humano, partilha com essa pessoa os pensamentos mais íntimos, os segredos mais perversos e sombrios, faz sexo com ela — e eu refiro-me ao sexo mais incrível e transcendente — deixa um bilhete a dizer que a ama e depois desaparece? Eu digo-vos quem.

O Drew que-vai-levar-um-pontapé-num-sítio-que-eu-cá-sei-quando-o-vir Callahan.

Segui em frente. Pelo menos é isso que digo a mim própria. Porque, ao contrário do coração, o tempo não para. Por isso, dediquei-me àquilo que tinha de fazer. Consegui fazer render bastante bem os três mil dólares que ganhei a passar por namorada daquele imbecil durante uma semana. Ainda tenho algum dinheiro na minha conta-poupança. Comprei umas prendas de Natal muito fixes para o meu irmão Owen. E também comprei uma prendinha para a minha mãe.

Ela não nos comprou nada. Absolutamente nada. O Owen ofereceu-me uma taça achatada que fez na aula de trabalhos manuais. Ele estava muito orgulhoso da sua prenda. E um bocadinho envergonhado também, principalmente depois de eu a elogiar tão efusivamente. O miúdo até a embrulhou num papel brilhante alusivo ao Natal. Fiquei espantada por ele

perder tempo a fazer uma coisa para mim. Coloquei a taça na minha cómoda e guardo os brincos lá dentro.

Pelo menos, há alguém que se importa comigo.

Ele não ofereceu nada à mãe. O que, como bruxa desprezível que sou, me deu o maior gozo do mundo.

Dizem que janeiro é o mês da reconciliação. Um novo ano, com novos objetivos, decisões, o que quer que se lhe chame, em que se deve sentir alguma esperança perante um território desconhecido que se abre à nossa frente. Embora eu tivesse feito tudo o que me era possível para ser positiva, chorei quando o ano novo chegou. Enquanto o relógio dava as doze badaladas, eu estava completamente sozinha, lágrimas a rolar pelas faces, a ver a bola a descer sobre Times Square através da televisão. Uma rapariga solitária, num estado de meter dó, a soluçar por causa do seu amor, com saudades do rapaz por quem se apaixonou.

O mês está quase a chegar ao fim, o que até nem faz mal. Mas ontem à noite, caí em mim. Em vez de recear cada novo dia, tenho de o saborear. Preciso de saber o que vou fazer da minha vida e, a seguir, cumprir à risca o que planear. Se pudesse, saía daqui, mas não posso virar as costas ao Owen. Nem imagino o que seria dele sem mim, e não vou correr esse risco.

Por isso, fico. Com a promessa de tirar o melhor partido que puder desta vida. Estou farta de ser infeliz.

Estou farta de ter pena de mim própria. Farta de querer levar a minha mãe a reagir e a perceber que tem dois filhos com quem devia importar-se. Ah, e que também devia arranjar trabalho. Passar os dias a dormir e as noites a divertir-se com Larry, o Falhado, não é a melhor maneira de o fazer.

E estou farta de chorar a perda de um homem lindo, com as ideias baralhadas, e que não me sai do pensamento onde quer que eu vá.

Estou fartinha disso.

Afasto estes pensamentos lúgubres da cabeça e dirijo-me a uma mesa onde um cliente espera que eu anote o seu pedido. Vi-o de relance há poucos minutos, um homem alto a mover-se rapidamente, demasiado bem vestido para uma incursão ao La Salle numa tarde de quinta-feira. À noite, o bar está a abarrotar, cheio de estudantes da universidade que se embebedam até ficarem inconscientes. Mas durante o dia? A maior parte são vagabundos inúteis sem eira nem beira, e uma ou outra pessoa que aparece para almoçar. Os hambúrgueres são razoáveis, por isso são um bom chamariz.

— O que deseja? — pergunto assim que chego à mesa, inclinando a cabeça enquanto retiro o bloco do bolso.

— Talvez a sua atenção.

A resposta dele, proferida num tom grave e aveludado, faz-me levantar bruscamente o olhar do bloco.

À minha frente estão os olhos mais azuis que já vi. Ainda mais azuis do que os do Drew, se tal for possível.

— Hum, peço desculpa. — Tento esboçar um sorriso. Ele faz-me sentir nervosa só de olhar para ele. É mesmo muito bem-parecido. Demasiado até. Põe os atraentes a um canto, com o cabelo louro escuro a cair-lhe sobre a testa e uma estrutura óssea clássica. Maxilar bem definido, maçãs do rosto proeminentes, nariz direito... podia ter saído diretamente de um anúncio. — Já escolheu?

Ele sorri, revelando uns dentes brancos e regulares, e eu aperto os lábios para impedir que eles se abram involuntariamente. Não imaginava que houvesse homens tão atraentes. Quero dizer, o Drew é lindo — eu consigo admitir isso, mesmo estando furiosa com ele. Mas este tipo... ultrapassa qualquer um, de longe. A cara dele é tão perfeita que até mete raiva.

— Quero uma cerveja. — Ele inclina rapidamente o queixo para a ementa muito manuseada que tem à sua frente. — Sugere alguma entrada para acompanhar?

Ele deve estar a gozar. Além dos hambúrgueres, não existe mais nada no La Salle adequado a este modelo de homem ideal. Poderia contaminá-lo, que Deus nos livre disso.

— O que é que lhe apetece? — pergunto numa voz sumida.

Ele ergue a sobrancelha, enquanto pega na ementa, e o seu olhar vem ao encontro do meu.

— Nachos?

Abano a cabeça.

— A carne nunca fica bem passada. — Parece que foi tingida de cor-de-rosa. Um nojo.

— Cascas de batata? — diz a medo.

— É muito à anos noventa, não acha? — respondo-lhe.

— E asinhas de frango?

— Só se quiser ficar com um fogo permanente na sua boca. Bem... — Olho em redor, certificando-me de que ninguém, nomeadamente o meu

patrão, está nas proximidades. — Se quer comer alguma coisa, sugiro que vá ao café ao fundo da rua. Têm umas sandes ótimas.

Ele dá uma gargalhada e abana a cabeça. Este som profundo e vibrante inunda-me e aquece-me a pele, mas sinto imediatamente um sentimento intenso de desconfiança. Não gosto de reagir assim aos homens. O único que poderia despertar em mim este tipo de reação era o Drew. E ele não está ao pé de mim... por isso, porque continuo tão agarrada a ele?

Será que é por ainda estares apaixonada por ele, como uma idiota qualquer?

Afasto esta vozinha irritante que teima em surgir de repente na minha cabeça nos momentos mais inoportunos.

— Admiro a sua honestidade — diz o homem, com o olhar azul e frio a deslizar por mim. — Nesse caso, fico-me só pela cerveja.

— Boa escolha. — Aceno-lhe com a cabeça. — Volto já.

Dirijo-me ao fundo do bar e passo para o outro lado do balcão para ir buscar a cerveja. Ao levantar os olhos, dou com o tipo a olhar para mim, e ele nem desvia o olhar, o que me deixa pouco à vontade. Não é o olhar de um pervertido; é apenas... de alguém muito observador.

Isso é desconcertante.

Sinto a raiva a tomar conta de mim. Será que tenho um letreiro invisível pendurado ao pescoço? Algo como «Ei! Sou fácil.»? É porque não o sou. Sim, cometi alguns erros, procurando atenção em lugares errados, mas não me parece que ande com o peito ou o traseiro à mostra. Nem ando a balançar as ancas de propósito ou a empinar o peito como vejo um monte de raparigas a fazer.

Nesse caso, porque é que cada tipo que eu encontro parece avaliar-me ostensivamente como se eu fosse um pedaço de carne?

Decido que já chega destas tretas, pelo que avanço rapidamente para a mesa dele e pouso-lhe a cerveja à frente com um baque forte. Preparo-me para sair dali — que se lixe a gorjeta — quando ele pergunta:

— Então, como é que se chama?

Espreito por cima do ombro.

— O que é que tem que ver com isso? — Ah, eu sou mesmo tramada! Corro o risco de deixar o tipo furioso e fazer com que me despeçam. Não sei qual é o meu problema, realmente.

Sou quase tão má como a minha mãe. Ela perdeu o emprego por causa da bebida e do mau comportamento. Pelo menos, só sofro do segundo problema.

Se conseguisse dar um pontapé em mim própria, era o que faria neste instante.

Ele sorri e encolhe os ombros, como se a minha resposta insolente não o incomodasse.

— Só por curiosidade.

Dou meia-volta para o encarar de frente, fitando-o tão atentamente como ele a mim. Ele envolve o gargalo da garrafa com os longos dedos da mão direita, pousando o braço contrário sobre a mesa riscada e em mau estado. Uma postura completamente descontraída e tranquila, o que me faz baixar as defesas.

— Chamo-me Fable — confesso, preparando-me para a reação. Desde que me lembro, que ouço uma infinidade de piadas e comentários ofensivos em relação ao meu nome.

Mas ele não me cria qualquer embaraço. A sua expressão permanece impassível.

— Prazer em conhecer-te, Fable. Eu sou o Colin.

Aceno-lhe com a cabeça, sem saber o que dizer. Ele deixa-me à vontade e mexe comigo, o que me deixa confusa. E não tem mesmo nada que ver com este bar. Está demasiado bem vestido, e existe uma aura de autoridade à sua volta que quase se confunde com poder, como se ele estivesse acima disto tudo, o que até pode ser o caso. Ele tresanda a classe e a dinheiro.

Contudo, não se comporta como um cretino, o que seria justificável depois da minha indelicadeza. Leva a garrafa aos lábios para dar um gole, enquanto eu continuo a olhar para ele propositadamente, sem qualquer pudor. Ele é atraente. Altivo. E uma fonte de problemas.

Não quero nada com ele.

— Então, Fable — continua ele, depois de reduzir a cerveja a metade —, posso fazer-te uma pergunta?

Mudo o peso do corpo de um pé para o outro, e dou uma olhadela pelo bar. Não está ninguém a observar-nos. Se eu ficasse aqui parada a conversar uns quinze minutos com o Colin, este cliente misterioso, era provável que ninguém reclamasse.

— Claro.

— Por que razão uma mulher como tu trabalha numa espelunca destas?

— Por que razão um tipo como tu vem beber uma cerveja a uma espelunca como esta? — replico, sentindo-me insultada momentaneamente.

Mas a seguir, caio em mim... ele está a elogiar-me. E referiu-se a mim como uma mulher. Nunca ninguém faz isso. Eu própria não me vejo assim.

Inclina a garrafa na minha direção como se fizesse um brinde.

— *Touché*. Ficavas surpreendida se te dissesse que tinha vindo aqui à tua procura?

Surpreendida? Ficava antes horrorizada.

— Eu nem te conheço. Como podias vir à minha procura?

— É melhor dizê-lo por outras palavras. Vim aqui à procura de alguém que pudesse raptar. — O meu olhar atónito fá-lo dar uma gargalhada. — Tenho um restaurante no centro da cidade. The District. Já ouviste falar?

Já. É um sítio de luxo que fornece refeições aos miúdos ricos da universidade, os que têm rios de dinheiro para comer, beber e divertir-se. Portanto, não é a minha cena.

— Sim.

— Já lá estiveste?

— Não — respondo, abanando a cabeça.

Ele recosta-se na cadeira e fita-me de olhos semicerrados, procedendo a uma avaliação vagarosa... da minha pessoa. Agora, está realmente a medir-me de cima a baixo, e eu sinto o rosto a arder de vergonha. Este indivíduo é um bocado idiota.

Sempre tive uma queda por idiotas.

— Vem comigo ao restaurante esta noite. Ficas a conhecê-lo. — Os seus lábios esboçam uma espécie de sorriso, e eu sinto-me tentada.

Contudo, também jurei que me ia manter afastada dos homens, o que me faz concluir que isso não é boa ideia.

— Não, obrigada. Não estou interessada.

— Fable, não estou a tentar convidar-te para sair — diz ele, com a voz baixa e os olhos a brilhar.

Dou um passo atrás, olhando à minha volta. Preciso de me livrar deste tipo. Mas, nesse momento, as palavras dele fazem-me estacar de repente.

— Estou a tentar oferecer-te um trabalho.

Drew

— Falemos sobre a Fable.

Fico tenso, mas digo que sim com a cabeça. Faço o possível por manter um ar neutro, como se este novo tema de conversa não me afetasse.

— O que quer saber?

A psicóloga fita-me, não desviando o seu olhar atento de mim.

— O nome dela continua a incomodá-lo.

— Não, não incomoda — minto. Tento ao máximo adotar uma atitude indiferente, mas estou a ferver por dentro. Ouvir o nome da Fable causa-me pavor e prazer ao mesmo tempo. Tenho vontade de a ver. Preciso de a ver. Contudo, não consigo forçar-me a ir procurá-la. E é claro que ela desistiu de mim. Eu mereço que o tenha feito. Não fui eu quem a abandonou primeiro?

Ou terei desistido de mim próprio?

— Drew, não precisa de me mentir. É normal que ainda seja difícil.

— A doutora Sheila Harris faz uma pausa, batendo com o indicador no queixo. — Já pensou em tentar vê-la?

Abano a cabeça. Penso nisso a cada dia e a cada minuto da minha vida, mas as minhas reflexões não conduzem a nada.

— Ela odeia-me.

— Não sabe se isso é verdade.

— Sei que no lugar dela me odiaria por aquilo que eu fiz. Isolei-me e bani-a da minha vida, que é o que faço sempre. Ela suplicou-me vezes sem conta para não o fazer. Garantiu-me que não me abandonava, acontecesse o que acontecesse. — E ainda assim, eu deixei-a. Apenas com um bilhete idiota, que levei demasiado tempo a escrever, que continha uma mensagem secreta que a minha miúda linda e esperta decifrou no momento.

Mas ela não é a minha miúda. Eu não tenho qualquer direito sobre ela. Desprezei-a. E agora...

Perdi-a.

— Então, por que razão a deixou? Nunca me explicou isso.

A minha psicóloga adora fazer perguntas difíceis, mas esse é o trabalho dela. E eu continuo a detestar responder-lhe.

— Só consigo lidar com as situações desta maneira — confesso. Enfrento essa realidade todos os dias. Estou sempre a fugir.

É muito mais fácil.

Procurei a doutora Harris por iniciativa própria. Ninguém me sugeriu que o fizesse. Quando voltámos de Carmel, depois de dar com os pés à Fable e de lhe deixar aquele bilhete tolo, isolei-me mais do que nunca. Lixei-me para a minha participação nos jogos. Lixei-me para as notas. As férias de Natal chegaram e eu pus-me a andar. Fugi literalmente para uma cabana absurda no meio da floresta que aluguei a um simpático casal de velhotes no lago Tahoe.

O meu plano? Hibernar como um urso. Desligar o telemóvel, ficar longe de todos e decifrar esta embrulhada. Contudo, não tinha imaginado que fosse tão difícil ficar sozinho com os meus pensamentos. As minhas memórias, as boas e as más, não me deixavam em paz. Pensava na revelação explosiva que a Adele, a minha madrastra, me tinha feito. Pensava no meu pai e em como a verdade — se essa for a verdade, de facto — o iria afetar. Pensava na minha irmãzinha Vanessa e na morte dela. E em como ela podia, afinal, não ser minha irmã...

Acima de tudo, pensava na Fable. Em como ela ficara furiosa quando lhe apareci à porta, mas me deixara entrar de qualquer maneira. Na forma como eu lhe toquei e como ela me tocou, como ela parece derrubar as minhas barreiras e ver aquilo que sou realmente. Deixei-a entrar. Queria deixá-la entrar.

E, depois, abandonei-a. Com uma mensagem que se revelou inútil, já que ela fez o que estava ao seu alcance para me salvar, e eu não deixei. Enviou-me precisamente duas mensagens. A segunda deixou-me surpreendido, pois eu pensava que ela era orgulhosa e ia desistir depois de eu não ter respondido à primeira.

Mas como poderia responder-lhe? Tudo o que ela disse estava certo. E tudo o que eu lhe ia dizer estava errado. Por isso, o melhor era ficar calado.

Também me deixou uma mensagem de voz. Continuo a guardá-la. Às vezes, quando me sinto mesmo desesperado, ouço-a. Escuto a sua voz suave e chorosa, as palavras incríveis que me diz. Quando a mensagem chega ao fim, a dor que sinto no coração chega a ser física.

Ainda que seja uma tortura escutá-la, não a consigo apagar. Saber que ela está ali, que a Fable se importou verdadeiramente comigo uma última

vez, é melhor do que apagar aquelas palavras e a voz dela, fingindo que ela não existe.

— Espero conseguir ajudá-lo em relação a isso. Aos seus mecanismos de defesa — diz a doutora Harris, desviando-me dos meus pensamentos. — Eu sei o quanto ela significa para si. A Fable. E aquilo que espero é que, com o tempo, acabe por ir ter com ela e lhe diga que está arrependido.

— E se eu não estiver arrependido? — Deixo sair estas palavras, mas elas não significam nada. O meu arrependimento é tão grande, que nem consigo explicar até que ponto me sinto perturbado.

— Então, essa é outra questão que teremos de enfrentar — replica ela gentilmente.

No quarto de hora seguinte, as coisas continuam nestes termos até que finalmente consigo escapar para encontrar uma tarde de inverno cheia de luz e frio. Apesar da temperatura baixa, o Sol aquece-me a pele, enquanto sigo pelo passeio em direção ao lugar onde estacionei a carrinha. O consultório da doutora Harris fica no centro da cidade, num prédio incomum, e aquilo que espero ardentemente é não encontrar ninguém conhecido. A universidade fica a poucos quarteirões de distância e os estudantes deambulam pelas pequenas lojas, pastelarias e cafés que se alinham ao longo da rua.

Não é que eu tenha muitos amigos, mas... Bolas! Toda a gente gosta de pensar que me conhece. Mas ninguém me conhece verdadeiramente. À exceção de uma pessoa.

— Ei, Callahan, espera aí!

Ao parar e olhar por cima do ombro, vejo um dos meus colegas a correr na minha direção, com um grande sorriso na sua cara apatetada. O Jace Hendrix é um chato, mas no fundo é boa pessoa. Nunca me fez nada de mal; não é que algum deles o tenha feito.

— Viva! — Aceno-lhe, e enterro as mãos nos bolsos do blusão, enquanto espero por ele.

— Há muito tempo que não te vejo — diz o Jace. — Parece que evaporaste a seguir àquele falhanço do último jogo.

Estremeço. Sou o culpado daquele falhanço do último jogo.

— Fiquei um bocado em baixo depois disso — confesso.

Caramba, não posso acreditar que acabei de admitir o meu fracasso. Contudo, o Jace não parece incomodado.

— Sim, ficaste tu e todos os outros, meu. Ouve, o que é que fazes neste fim de semana?

A maneira como o Jace ignora o que acabo de dizer — ou melhor, a maneira como concorda com o que acabo de dizer — dá cabo de mim.

— Porquê?

— É o aniversário do Logan. Vamos comemorar naquele restaurante que abriu há pouco tempo perto daqui. Já ouviste falar? — O Jace parece entusiasmado, balançando o corpo de um pé para o outro, enquanto eu me interrogo sobre o que se passa.

— Vagamente — respondo com um encolher de ombros. Como se isso me interessasse. A última coisa que me apetece é andar a conviver.

— A festa vai ser lá. Temos uma sala privativa e tudo. Nunca lá fui, mas já ouvi dizer que as empregadas são muito giras, e as bebidas fantásticas e atestadas de álcool. Há quem diga que é capaz de haver strippers contratadas para esta ocasião tão especial. O Logan vai fazer vinte e um anos, e nós queremos que ele tenha todo o tipo de experiências. — O Jace faz uma expressão cúmplice.

— Isso parece ótimo — minto. Parece-me uma tortura. Mas tenho de ir. No mínimo, estar lá uns minutos e depois pôr-me a andar. Posso contar este feito à psicóloga e ela dá-me um prémio pelo esforço.

— Isso quer dizer que vais? — O Jace parece impressionado e eu percebo a razão. É raro alinhar com os rapazes no que quer que seja, em particular nos últimos meses, em que me transformei num fantasma.

— Vou. — Aceno-lhe com a cabeça, sem saber onde vou arranjar energia para aparecer, mas preciso de fazer isso.

— A sério? Espetacular! Estou ansioso por contar ao pessoal. Eles sentiram a tua falta. Já não te vemos há bastante tempo e sabemos que os últimos jogos foram difíceis para ti. Foram difíceis para todos nós. — O Jace fala com uma expressão solene e, por momentos, eu pergunto a mim próprio se ele está a gozar comigo.

Mas, a seguir, percebo que está a ser sincero. É engraçado eu assumir a responsabilidade por aquelas derrotas, quando afinal cada um dos colegas da equipa deve ter feito a mesma coisa.

— Diz aos rapazes que estou ansioso por me encontrar com eles. — As palavras deslizam facilmente dos meus lábios, porque são verdadeiras. Tenho de deixar de me comprazer com a minha desgraça. Preciso de

me libertar do passado, de deixar de me preocupar com o meu pai e com a cabra da minha madrasta, e com a menina que morreu só porque eu estava ocupado a discutir com a mãe dela, a dizer-lhe que tirasse as malditas mãos de cima de mim.

Este é um dos meus maiores arrependimentos. Nunca ter chegado a explicar verdadeiramente à Fable o que aconteceu naquele dia. Sei que ela acha que eu estava na marmelada com a Adele. Era o que eu próprio pensaria. Mas foi precisamente nesse dia que eu disse à Adele que me deixasse em paz para sempre. Independentemente do que ela quisesse, eu não estava interessado. As coisas tinham acabado. Aquele foi o dia em que me libertei.

E também foi o dia em que fiquei prisioneiro da minha culpa.

Para sempre.

— Até breve, Drew. — O Jace acena-me e dá meia-volta, afastando-se de mim a assobiar. Eu fico colado ao chão a observá-lo, até ele não passar de um pequeno ponto à distância, desejando fervorosamente ter aquela descontração. Que as minhas maiores preocupações fossem as notas, a próxima rapariga com quem me poderia envolver e a excitação relativamente à grande festa que vai acontecer daqui a uns dias.

Talvez, por breves momentos, eu consiga esquecer-me de mim no meio das coisas mundanas. Fingir que nada mais importa senão os amigos, os estudos e as festas. A psicóloga diz que eu só consigo seguir em frente depois de lidar com o passado.

Mas que raios! O que é que ela sabe da minha vida?

Capítulo 2

«Ela tem a alma destroçada, mas jamais alguém se irá aperceber.»

Anónimo

Fable

— Então? — O Owen sorve ruidosamente o refresco de tamanho gigante que lhe comprei na estação de serviço, quando parámos a caminho de casa para atestar o carro a cair de podre da mãe. — Posso comer de graça nessa espelunca onde trabalhas agora?

Abano a cabeça.

— É demasiado luxuoso. Na verdade, os miúdos não são bem-vindos lá. — Este é o eufemismo do ano. Definitivamente, o restaurante não é apropriado para miúdos. Aliás, parece-me que nem sequer é apropriado para mim, mas estou disposta a dar-lhe uma oportunidade de qualquer maneira. O Colin diz-me que posso fazer uma pipa de massa em gorjetas, embora eu não saiba ao certo se devo acreditar nisso.

Os meus pensamentos fluem para o Colin. Ele é dono do restaurante porque tem um pai rico que lho ofereceu como se fosse um brinquedo. Foi o que lhe consegui arrancar a primeira vez que ele me levou lá. Ele é simpático. Atraente. E charmoso.

Além da troca de palavras que tenho com ele como patrão e empregada, evito-o o mais que posso. Aceitei a sua proposta de trabalho, embora me pareça demasiado boa para ser verdade.

O mais incrível é não ter comunicado ainda o facto no La Salle. Agarrar-me a este trabalho até ter a certeza de que o novo emprego vai resultar é a única maneira de manter o dinheiro a fluir.

E, como sempre, o mais importante é fazer entrar dinheiro em casa. A mãe não faz nada para garantir que isso aconteça.

O Owen enche o peito com uma expressão indignada.

— Estás a gozar comigo? Eu não sou um miúdo. Já tenho catorze anos, porra!

Dou-lhe uma palmada no braço e ele dá um guincho.

— Cuidado com a linguagem — aviso-o, porque ele tem de ter cuidado com o que diz. E desde quando é que a idade legal para atingir a maioridade passou a ser os catorze anos? Só se for nos sonhos dele.

— A sério, Fable, não consegues meter-me lá à socapa? — O Owen abana a cabeça, nitidamente furioso. — Ouvi dizer que as miúdas que vão lá são uns borrachos.

Não preciso de ouvir o meu irmão mais novo a falar de raparigas que são uns borrachos e coisas do género. Já é suficientemente mau ter encontrado um pacote de erva no bolso das calças de ganga dele há uns dias, quando punha a roupa na máquina. Mostrei-o à mãe e ela encolheu os ombros, e depois exigiu que lhe desse o saco.

A seguir, abriu-o e inalou-o profundamente, assegurando que era erva de boa qualidade. Sei que o levou quando foi para casa do Larry mais tarde, e é provável que os dois tenham apanhado uma grande pedrada. Ainda me custa a acreditar nisso. Como é que eu sou tão normal e estável quando a minha mãe é tão... imatura?

Não te restava outra alternativa.

Esta é a verdade amarga, certo?

— Ouve, naquele sítio cada prato custa uns cinquenta dólares. Aquilo é para casais e pessoas do género. E tem um bar. A partir das dez da noite, o restaurante fica completamente interdito a menores de vinte e um — explico-lhe. Na realidade, é o restaurante mais elegante e bonito que já vi, para não falar daqueles em que trabalhei. É organizado e eficiente; e tudo e todos têm o seu lugar. No entanto, o pessoal não é muito simpático. São todos um bocado snobes. Tenho a certeza de que gozam comigo nas minhas costas, a pobrezinha que saiu da sua casinha universitária e conseguiu um lugar no grupo dos elitistas...

Quero lá saber. O que me interessa são as gorjetas. E o facto de o Colin acreditar em mim. Há muito tempo que ninguém acreditava em mim. Pensei que o Drew acreditava, mas quanto mais ele se afasta da minha vida,

maior é a certeza de que tudo não passou de uma mentira. Deixámo-nos apenas envolver um pouco pela fantasia.

— Nem me podes trazer umas sobras, é isso? — A pergunta do Owen arranca-me bruscamente dos meus pensamentos e eu vejo o sorriso irónico que ele faz, quando o olho de relance.

À medida que o tempo passa, está cada dia mais giro. Não faço ideia se terá ou não uma namorada, mas espero que ele adie essas coisas por mais algum tempo, pelo menos. As relações só causam problemas.

— Isso é tão nojento — refilo, revirando os olhos. Costumava trazer-lhe hambúrgueres do La Salle. O que mostra como o estraguei com mimos.

— Pois, mas raios me partam se a mãe me vai dar alguma comida. Desculpa — apressa-se o Owen a dizer ao apanhar o meu olhar de aviso perante a asneira. — E sinto-me mal por passar tanto tempo em casa do Wade. A mãe dele deve estar a ficar farta de mim.

O sentimento de culpa toma conta de mim. Eu preciso deste emprego. Preciso dos dois empregos, o que significa que não posso acompanhar o Owen. Preparar-lhe o jantar, verificar os trabalhos de casa, obrigá-lo a arrumar o quarto dele que parece uma autêntica lixeira. O apartamento tem três quartos, uma raridade muito procurada numa cidade universitária, e a renda está a ficar mais cara. Tendo em conta que a minha mãe nunca está aqui e que, por norma, sou apenas eu e o Owen, estou a pensar procurar outra casa. Só para os dois.

Esta pequena novidade vai deixar a minha mãe furiosa. Não interessa que ela passe a maior parte do tempo com o Larry. Nem que quase nunca esteja aqui, não arranje trabalho nem consiga pagar a renda. Ela vai ficar zangada à mesma e encarar isto como uma afronta pessoal, como se o Owen e eu a estivéssemos a mandar embora.

E estou, de certa maneira. Já não a quero ao pé de nós. Ela não é uma boa influência. O Owen não se sente à vontade perto dela, e o mesmo acontece comigo. A minha paciência esgotou-se.

No entanto, tenho receio de a enfrentar, seja lá por que razão for. Não me apetece lidar com um dramalhão desnecessário. E é isso o que a minha mãe é. Um drama do princípio ao fim.

O telemóvel emite um bip, anunciando a chegada de uma mensagem. Ao abri-la, vejo que é do meu patrão. Leio-a, percorrida por uma sensação de ansiedade.

O que estás a fazer?

Digito a resposta própria de uma empregada.

A preparar-me para ir trabalhar.

Bom, é a verdade.

Estou aqui perto. Deixa-me ir buscar-te e levo-te lá.

Fico a olhar para a mensagem demasiado tempo, ignorando o Owen que começa chamar a minha atenção sobre o que tem de fazer para preparar o jantar dele. O que diabo quer o Colin? O que é que ele anda a fazer nesta porcaria de bairro? Isso não faz sentido. A não ser que tenha vindo buscar-me de propósito...

Só começo a trabalhar daqui a uma hora.

Eu pago-te o tempo extra. Anda.

Solto um suspiro, enquanto digito a resposta:

Dá-me cinco minutos.

— Tenho de ir — digo ao Owen, dirigindo-me ao meu quarto. Ainda não vesti o uniforme de trabalho, se é que se pode designar assim. Todas as empregadas têm de usar a roupa mais provocante que já vi. Há quatro uniformes diferentes, pelo menos, e todos são extremamente sensuais, deixando parte do peito à mostra, ou colando-se ao corpo como uma segunda pele. Eu compreendo esta questão da sedução. Não ficamos com um ar reles nem nada que se pareça, mas, se me curvar demais, é possível que o meu traseiro fique à mostra. As cuequinhas-calção foram inventadas para estas ocasiões.

Estou a tirar o vestido do cabide, quando me apercebo de que o Owen está à espreita junto à porta.

— O que foi? — pergunto-lhe.

Ele encolhe os ombros.

— O que é que achas de eu fazer uma tatuagem?

Por momentos, sinto a cabeça a andar à roda. Oh, meu Deus, onde é que ele vai buscar estas ideias?

— Em primeiro lugar, só tens catorze anos, por isso, não tens autorização legal para o fazer. E em segundo lugar, só tens catorze anos. Para que queres tu ficar com uma tatuagem no corpo para sempre?

— Não sei. — Ele volta a encolher os ombros. — Pensei que podia ser fixe. Afinal, tu acabaste de fazer uma. Porque é que eu não posso ter uma também?

— Talvez porque eu sou adulta e tu não és? — Poucas semanas antes do Natal, quando acreditava que ainda havia um futuro para o Drew e para mim, fiz uma. A tatuagem mais estúpida que é possível imaginar. Fi-la porque pensei que ao ter algo dele, mesmo muito pequeno, gravado para sempre na pele, isso poderia de alguma maneira fazê-lo voltar para mim.

Não resultou. E agora, não me posso livrar dela. Felizmente é pequena. Talvez fosse possível transformá-la se eu quisesse.

Neste momento, não quero.

— Então, tu pões as iniciais de um tipo qualquer no corpo e isso é fixe, mas eu não posso arranjar uma tatuagem artística de um dragão para as costas, ou outra coisa qualquer? Isso é muito injusto. — Ele abana a cabeça, com o cabelo louro escuro a escorregar-lhe para os olhos, e eu tenho vontade de lhe dar um estalo.

E, em simultâneo, puxá-lo para os meus braços e perguntar o que é feito do miúdo doce e simples que existia há menos de um ano. Porque, de certeza, que ele já não está aqui.

— É diferente. — Viro-lhe as costas e tiro o vestido do cabide, segurando-o com firmeza na mão. — Tenho de trocar de roupa. Por isso, sai daqui.

— De qualquer maneira, quem é esse tipo? Tu nunca me contaste.

— Não é ninguém. — As palavras pesam-me ao sair dos lábios. Ele era alguém com toda a certeza. Foi tudo para mim, durante o momento mais breve e intenso da minha vida.

— Ele é alguém. Alguém que te deixou de coração partido. — A voz do Owen está cheia de rancor. — Se alguma vez descobro quem ele é, dou cabo dele.

Sorrio, porque não o consigo evitar. A forma como ele me defende é... fantástica. Nós formamos uma equipa, o Owen e eu. Somos tudo o que cada um tem.

Saio de casa à pressa, para que o Colin não me bata à porta nem se encontre com o Owen. Não quero que veja o interior do nosso apartamento miserável. Viva o Colin onde viver, aposto que é um sítio deslumbrante. Se a casa dele tiver metade do encanto do restaurante, só pode ser fantástica.

No momento em que desço as escadas, vejo-o no *Mercedes* preto e brilhante, com o motor a ronronar. O carro é tão recente que ainda não tem as chapas de matrícula. Dou um passo atrás quando o Colin sai do carro, um adónis louro com um sorriso irresistível e olhos azuis cintilantes.

Ele dá a volta ao carro para me abrir a porta do lugar do passageiro, fazendo uma vénia.

— A carruagem está às tuas ordens.

Fico hesitante. Será um erro ir de carro com ele? Não é o Colin quem me mete medo, mas antes a situação em que estou a meter-me. Ele está a flirtar, mas já reparei que faz o mesmo com praticamente toda a gente que trabalha para ele, inclusive com as clientes. Mas nunca pisa o risco; é sempre delicado e sabe quando tem de recuar se for preciso.

Mas será que lhe estou a dar a entender alguma coisa ao deixar que me venha buscar para me levar ao trabalho? Seria uma coincidência estar próximo da minha casa para vir aqui buscar-me? Não acredito.

Nem por um momento.

— Vieste buscar-me de propósito? — pergunto-lhe, assim que volta a entrar no carro e fecha a porta.

Ele vira-se para mim, com os nossos rostos perigosamente perto um do outro. O carro é acolhedor, mas pequeno, e o ambiente torna-se bastante íntimo. Sinto o seu cheiro a perfume caro e a cabedal, e por breves instantes dou por mim a pensar se ele podia despertar algum sentimento em mim.

Constato com a mesma rapidez que tal não é possível. O meu coração continua amarrado por laços fortes a outra pessoa. A alguém irreal.

— És muito frontal, não és? — pergunta o Colin, com os olhos a brilhar no interior obscurecido.

— É melhor do que andar a espalhar um monte de mentiras, certo? — Ergo a sobrancelha.

Ele ri-se e abana a cabeça, enquanto liga o motor.

— Claro. Fable, eu andava realmente por estes lados. E lembrei-me de que tu vivias aqui. Foi por isso que te enviei a mensagem. Sei que não tens sempre um carro disponível.

Fiz três turnos no restaurante e ele já sabe isso tudo sobre mim. É sinal de que é um bom patrão ou um tarado?

— Hoje tinha o carro da minha mãe.

O Colin sai do parque de estacionamento e entra na rua, com a mão pousada displicentemente sobre o volante, enquanto a outra descansa na consola central. É naturalmente descontraído. Ou melhor, não precisa de fazer qualquer esforço. Passa a ideia de que tudo, seja o que for, está ao dispor da sua vida, e que merece cada bocadinho disso.

Sinto inveja dele. É uma confiança que eu nunca poderia vir a ter.

— Preferes que eu te leve a casa para vires nele? — Há uma nota de divertimento diluída na sua voz grave. Ele deve considerar-me uma anedota.

— Não. — Solto um suspiro. O que estamos nós a fazer? — Só que não tenho carro para voltar para casa depois.

— Eu trago-te.

Não me dou ao trabalho de lhe responder.

Fico calada, a puxar a pele em volta das unhas, e ambos nos mantemos em silêncio. Olho para as minhas mãos secas e com as cutículas em mau estado, pensando nas raparigas com quem trabalho e que têm manicuras e pedicuras perfeitas. Ainda mantenho o aspeto de uma Gata Borracheira um pouco andrajosa que finalmente foi resgatada da cave e colocada ao lado de princesas belas e luminosas. Posso ter algum brilho, mas o verniz sai assim que me esfregam ao de leve.

Sinto-me... ainda mais inferiorizada do que quando estou no novo emprego. E isso não me agrada.

— É um péssimo hábito — comenta Colin, quebrando o silêncio incómodo. — Devias arranjar as unhas.

Bom, isto deixa-me fula. A sugestão é ofensiva.

— Não tenho dinheiro para isso.

— Eu pago-te.

— Não! Que diabo! — replico, quase a rosnar. A oferta dele deixa-me ainda mais irritada.

O Colin ignora-me.

— E aproveita para arranjar o cabelo. Isso também fica por minha conta. Está demasiado descolorado e com mau aspeto.

Que lata! Este tipo é um verdadeiro imbecil. Porque concordei em trabalhar para ele? Ah, sim, por causa do dinheiro. A ganância vai ser a minha desgraça, estou a ver. Ela já me levou a tomar duas decisões estúpidas.

— Quem pensas tu que és? O polícia da moda?

— Não, mas sou o teu patrão, e no The District seguimos um determinado padrão que é preciso manter.

— Nesse caso, porque é que me contrataste? Sabias com o que podias contar.

— Vi o teu potencial — diz numa voz suave. — E tu, Fable? Será que consegues vê-lo?

Não fui capaz de lhe responder. Porque a verdade não era a que ele queria ouvir.

Não.

Drew

Estou nas aulas, embora não me apeteça estar aqui. Depois do descalabro do primeiro período, reduzi o número de disciplinas. Para quê correr o risco de chumbar ou desistir mais uma vez? Vou ter de fazer umas disciplinas extra nas férias de verão para compensar, mas não faz mal. Para onde iria se não fosse isso?

Para casa não, com toda a certeza.

Pelo menos, enquanto estou na universidade sinto-me mais ou menos normal. Não consigo esquecer o meu pai e a Adele, e aquilo que ela me disse. Já não falo com ela desde aquela vez em que lhe telefonei e a obriguei a contar-me tudo. E também não tenho contactado muito com o meu pai. Ele percebe que não estou bem, mas não me pressiona. E eu também sei que ele não está bem, mas não o pressiono. Para quê? Será que quero mesmo saber o que se passa?

Não.

Vivo cada dia como se fosse um robot, a chegar e a partir. Quanto mais tempo estou sozinho, maior é a minha angústia. Ao lembrar-me de que prometi ao Jace ir ao aniversário do Logan no sábado, sou assaltado por uma espécie de pânico. No entanto, tenho de o fazer. A doutora Harris diz que tenho de voltar a ser uma pessoa real, e ela tem razão.

Mas isso ainda me assusta, e não é pouco.

Estou na aula de comunicação, que tem imensos alunos, e está cá a rapariga junto da qual me sento todos os dias. Ela é pequenina, tem o cabelo louro e comprido, e lembra-me tanto a Fable. Chega a ser doloroso.

Só que eu sou um masoquista. Gosto de ficar ao lado dela. A fingir que ela é outra pessoa, a suster a respiração quando ela se vira para mim, quase preparado para ter uma surpresa ao ver que é a Fable que está realmente sentada ao meu lado.

E a sofrer uma desilusão ao enfrentar a realidade. Ela não é quem eu gostava que fosse. Nunca ninguém será.

O professor prossegue com a sua cantilena, mas eu não lhe dou atenção. Pego numa folha de papel e começo a escrever. Uma carta que jamais iria enviar a uma certa pessoa. Mas preciso de deixar sair aquilo que sinto

por ela, senão rebento. Assim que a caneta toca no papel, as palavras limitam-se a fluir, sem que as consiga controlar.

*Talvez tenha sido um erro deixar-te.
E não sei como posso voltar atrás.
O arrependimento enche os meus dias.
E grande parte acumula-se dentro de mim.
Odeio-me
Por sentir a tua falta. Por te ter magoado.
Quero dizer-te que...
Sinto saudades tuas,
Que te amo.
Podem entrar e sair outras pessoas das nossas vidas mas...
Pertencemos um ao outro.*

Fico a olhar para o meu pequeno poema idiota que a rapariga que amo nunca irá ler, e traço linhas floreadas em volta dele. Um F cursivo, igual ao que me ensinaram a fazer quando estava na escola primária. A inicial do seu nome. Fable. Uma história. Um mito. Um conto de fadas. Ela é a minha história. Quero viver, respirar e morrer pela Fable, e ela não faz ideia do quanto me consome o pensamento. Ao ponto de eu não pensar em nada mais nada. Preferia ficar sentado na sala de aulas e escrever-lhe poemas de amor, com mensagens secretas, do que olhar a sério para o que está a acontecer na minha vida.

*Que tipo baralhado que eu sou!
Uma rapariga
Tão bonita como ela
Merece o melhor.
Basta de mentiras.
Ela é tudo para mim.*

Porém, não tenho a coragem suficiente para lhe dizer isto. Ao observar as novas palavras que acabo de escrever, sinto uma repulsa enorme. Não sou suficientemente bom para ela. Nem consigo enfrentar a Fable para lhe dizer aquilo que sinto por ela.

— És escritor?

Ao erguer os olhos, vejo a minha pseudo-Fable a sorrir-me, e franzo o sobrolho. O seu rosto não podia ser mais diferente. Tem os olhos castanhos. E não é bonita, embora seja atraente sem dúvida. Não percebo como pensei que se parecia com a Fable.

— O que é que disseste? — pergunto.

A rapariga inclina a cabeça em direção ao papel cheio com os meus gatafunhos.

— Não estás a seguir a aula. Estavas a escrever um poema? Parece.

Deslizo a mão para tapar o papel e esconder as palavras do seu olhar atento, ao mesmo tempo que olho para ela, desejando que fosse mais parecida com a Fable. Mas não é. E detesto-a por isso.

— Estou a tirar apontamentos.

Ela volta a sorrir.

— Não te preocupes. Eu não faço queixinhas, se não estiveres.

— Mas estou — insisto à defesa, porque estas palavras se destinam unicamente a uma pessoa. Escrevia-as para mim e para uma rapariga que jamais as vai ver.

— Não é preciso ficares irritado — sussurra a rapariga. Ela semicerra os olhos, como se conseguisse ler-me os pensamentos, e eu fico com vontade de desaparecer. — Ou estares tão à defesa.

Fico calado. O que posso argumentar, se ela está a dizer a verdade?

— Ei, não és o Drew Callahan? — Inclina ligeiramente a cabeça, com uma expressão de interesse súbito. — O Grande Quarterback?¹

A voz dela está cheia de sarcasmo. Eu desiludi a universidade no final da época com uma sucessão de fracassos colossais. Fui-me muito abaixo e toda a gente se apercebeu disso. Leio o desprezo no olhar dela, a irradiar do seu corpo, e sei que ela me considera um fiasco.

Pego na mochila pousada aos meus pés e atiro a folha lá para dentro juntamente com o livro. Levanto-me da cadeira e penduro a mochila ao ombro.

— Ele já não existe — digo por entre dentes, antes de fugir dali. Em plena aula.

¹ No futebol americano, trata-se do líder da equipa ofensiva, cuja missão é escolher e iniciar todas as jogadas de ataque. [*N. da T.*]

Mas estou-me a lixar para isso. Só quero sair dali. Chegar à rua e inalar o ar frio e cortante, sentindo os raios do Sol, enquanto as pessoas esbarram comigo à medida que abro caminho através da multidão. Ouço alguém chamar o meu nome, mas faço de conta que não ouço. Parece que todos me conhecem, mas eu não conheço ninguém.

Esta é a minha reles história, por muito que eu desejasse que ela fosse diferente.

Sinto o telemóvel a vibrar no bolso das calças e tiro-o, vendo que é o meu pai. Regra geral, deixava-o ir diretamente para a caixa de mensagens, mas apetece-me falar com ele por qualquer razão masoquista. Por isso, atendo.

— Drew — ele parece surpreendido.

— Está tudo bem? — A minha voz é ilusoriamente casual. Eu devia ser ator. Sou tão bom a passar uma imagem diferente da minha vida, que até parece mentira.

— Estava a pensar passar por aí para te ver. — Ele clareia a garganta e, mesmo através do telefone, percebo que está perturbado. — Preciso de falar contigo sobre... uma coisa.

Sinto uma contração no estômago e a sensação de que estou prestes a vomitar. Ele fala num tom grave. Assustadoramente grave.

— O que é que se passa?

— Bom, preferia contar-te pessoalmente, mas... o melhor é dizer-te já. — Respira fundo e eu faço o mesmo. — A Adele e eu vamos divorciar-nos.

Tenho a impressão de que me deram uma pancada na cabeça e que há passarinhos a piar e a voar em redor dela como nos desenhos animados. Olho à minha volta, vejo um banco e deixo-me cair sobre ele, com a mochila a comprimir-me as costas e a fazer-me estremecer.

— O quê? Mas porquê?

— Preferia ir ter contigo e contar-te. Tens tempo no próximo fim de semana?

— Claro. — Lembro-me da festa do Logan. — Bom, tenho uma coisa combinada para o sábado à noite, mas posso cancelar.

— Não quero interferir nos teus planos. — Regra geral, o meu pai está-se nas tintas para os meus planos, pelo que a condescendência dele enervava-me. Ele não está em si. O facto de se ir divorciar incomoda-o? Ele encara isto como uma coisa boa ou má? É claro que culpo imediatamente a Adele por tudo.

— Pai, não estás a interferir. Acredita que não. É apenas uma festa idiota. — A doutora Harris vai ficar furiosa comigo, mas eu não quero saber. Preciso de apoiar o meu pai. Sobretudo se ele vai livrar-se finalmente da Adele.

Não devia ficar contente. Devia sentir pena dele. Só que é assim que as coisas devem ser. Ela é uma cabra perversa e eu desejo que esse veneno saia da minha vida. E da vida do meu pai também. Além disso, e nisso sou completamente egoísta, não quero que o nosso segredo seja revelado.

Nem sei se o segredo dela corresponde à verdade. É isso que me assusta mais. Onde está a verdade e onde está a mentira? Já não sei ao certo.

— E se eu for na sexta-feira, passar aí a noite e regressar a casa no sábado? Assim, já não perdes a noite de sábado — propõe o meu pai.

— Podes cá passar o fim de semana todo, se quiseres. — Eu quero estar com ele. Sinto a sua falta. Costumávamos ser muito unidos. Antes de eu fazer quinze anos e a minha madrasta concluir que eu era muito mais interessante do que o meu pai alguma vez foi.

Estás tão crescido, Andrew. Tornaste-te tão atraente, tão alto e forte...

Fecho os olhos, e expulso com firmeza aquela voz provocante da minha mente.

— Depois decidimos isso — diz o meu pai.

É tudo o que lhe posso pedir, por isso concordo. Quando desligámos, senti-me mais leve. Há menos confusão na minha cabeça e, para variar, sinto alguma esperança.

Agarro-me a essa sensação o resto do dia.